



O MES EM LUTA PELA UNIDADE

Unir o povo, combater e esmagar a ameaça fascista e lutar pela defesa da alternativa revolucionária do Poder Popular são os objectivos centrais que orientarão a acção do Movimento de Esquerda Socialista na frente de luta política que se abre com as eleições para as legislativas.

A candidatura do MES é uma candidatura de unidade e resistência populares. O MES apresenta candidaturas para dar combate aos partidos burgueses e eleger deputados revolucionários que no Parlamento servirão o povo. O MES apresenta candidaturas sabendo que a única força capaz de se opôr à ameaça fascista é a força do movimento popular de massas. Por isto o MES dirigirá o esforço principal para a organização da resistência popular à ofensiva da burguesia que visa, pela repressão e exploração, vergar o povo trabalhador à sua odiosa ditadura de classe.

O MES, partido de esquerda revolucionária, aprovou no seu II Congresso uma política firme de unidade, uma política de unidade dos revolucionários e anti-fascistas contra a ofensiva burguesa e o avanço da direita. Consequentes com essa política desenvolvemos todos os esforços para que os revolucionários e anti-fascistas não se apresentassem divididos nestas eleições. FSP, PRP e UDP foram as forças que contactamos nesse sentido.

O PRP declarou, à partida, não estar interessado em ir às eleições. Propusemos às outras forças a formação de listas conjuntas em todos os círculos eleitorais e uma plataforma política de intervenção com a seguinte orientação global:

1. Eleger deputados revolucionários.
2. Desmascarar o sentido burguês das eleições e combater as ilusões democrático-burguesas.
3. Desmontar a ofensiva burguesa em marcha.
4. Alertar para a ameaça fascista que avança.
5. Chamar as massas à luta contra o fascismo, o capitalismo e o imperialismo.
6. Combater os partidos fascistas e fascizantes.
7. Combater a social-democracia, o reformismo e o esquerdismo.
8. Propagandear os grandes objectivos da luta pela democracia, pela liberdade, pelo socialismo e pela sociedade sem classes.
9. Propagandear as lutas da classe operária e do povo contra a exploração e a opressão, a repressão e a miséria.

O ELEITORALISMO DA FSP E DA UDP SABOTA A UNIDADE

Nos contactos com a FSP e a UDP ficou claro o que movia essas duas forças em matéria de "unidade", a saber, o eleitoralismo e a auto-afirmação partidária. Com efeito para a FSP tratava-se de obter a colaboração do MES para meter Manuel Serra na Legislativa, e assim a FSP pôs como condição prévia e essencial que ele teria de ser o cabeça de lista de Lisboa devendo ter privilégio de intervenção na TV, Rádio, etc., não podendo ser sujeito a controle colectivo.

Quanto à UDP só aceitava listas conjuntas em Lisboa, Santarém, Faro e Beja e exigia, para que isso fosse possível, a nossa desistência em seu favor em Setúbal e Porto, o 1º lugar da lista de Lisboa e a candidatura de Palma Inácio em 1º lugar em Faro. Pretendia, portanto, a UDP obter a colaboração do nosso Partido para garantir a eleição de um deputado em Lisboa, quase garantir outro pelo Porto, avalizar em Setúbal a sua campanha de auto-afirmação e remediar as suas fraquezas em Beja, Santarém e Faro.

Quer a FSP quer a UDP nada disseram acerca da Plataforma Política que lhes propusemos.

A FSP e a UDP apenas viam a possibilidade de listas conjuntas subordinada à eleição de deputados.

Como justificação ficam os intermináveis argumentos acerca das ideias fixas de cada uma, isto é, as "insubstituíveis qualidades" de Manuel Serra por parte da FSP e os "cálculos científicos" da UDP que lhe garantiriam pelo menos 3 deputados e ainda a eleição na sua terra natal do amigo do social-democrata Mário Soares, Palma Inácio, por isso mesmo abandonado pelos militantes revolucionários da LUAR, cabendo ao MES pela sua "boa acção" a possibilidade de eleger um deputado, o segundo de Lisboa. Para uma e para outra o MES queria ir longe demais, queria uma unidade "idealista".

QUE QUERÍAMOS NÓS AFINAL?

Queríamos fazer do momento eleitoral, um novo momento de afirmação da unidade das forças revolucionárias e anti-fascistas, e com este objectivo não respondíamos apenas à nossa linha política desenvolvida e aprofundada no nosso II Congresso, respondíamos igual e principalmente aos desejos de milhares de trabalhadores em todo o País que vêm na unidade o caminho para o combate ao fascismo e ao capitalismo.

UNIDADE SÓ NO TERRENO ELEITORAL?

Não, queríamos uma unidade mais ampla, uma unidade capaz de dinamizar a organização da resistência popular contra a repressão, a exploração, a miséria e a mentira.

Este era o nosso objectivo bem expresso na plataforma que propusemos às várias forças políticas. Plataforma de luta contra a repressão, contra a exploração e a miséria, contra a mentira, pela liberdade e democracia, contra o fascismo, pelo socialismo, contra o capitalismo, pela independência Nacional contra o imperialismo.

Queríamos algo impossível? Sabemos que para vastos sectores do nosso povo queríamos o absolutamente necessário!

Se idealismo houve da nossa parte foi o de tudo fazermos para, num esforço sério de unidade, chamar à realidade dura da situação política actual o esquerdismo de forças como o PRP que saltando directamente do triunfalismo de antes do 25 de Novembro para o desprezo das formas mais atrasadas e difíceis de luta e preferindo continuar a falar de fantasmas como os "Conselhos Revolucionários" se desligou desde logo de qualquer plataforma unitária e chamar igualmente à realidade dura da situação política actual o eleitoralismo de forças como a FSP e a UDP.

Esquerdismo e reformismo, eleitoralismo e política de grupo prevaleceram em forças que deste modo prestaram um mau serviço à causa da luta anti-fascista e anti-capitalista.

Confiantes de que as massas, pelas responsabilidades que já assumimos no movimento operário e popular, saberão reconhecer os nossos esforços no sentido duma real unidade dos revolucionários, dos anti-fascistas e do movimento popular, esforços que vêm desde antes do 25 de Abril e encontram na defesa da unicidade e democracia sindicais, na defesa do Poder Popular, do documento guia Povo/MFA, do documento do COPCON, e na constituição da FUP e da FUR uma tradição já rica, cedemos em não apresentar listas conjuntas em todos os distritos, cedemos em satisfazer o apetite eleitoralista da FSP e da UDP a cabeça da lista de Lisboa. A FSP e a UDP preferiram assim a divisão à unidade, a política de grupo à política das massas populares.

Com a força que nos dá o facto de termos sido a única organização que desenvolveu esforços sérios e reais para unir os revolucionários e anti-fascistas, continuaremos a luta pela unidade do povo e movimento popular de massas no combate ao fascismo, ao capitalismo e ao imperialismo.

**UNIDADE DO POVO
CONTRA O FASCISMO
PELO PODER POPULAR**

Lisboa, Março de 1976

O Comité Central do Movimento de Esquerda Socialista

ABM

ARQUIVO REGIONAL E

BIBLIOTECA PÚBLICA DA MADEIRA